

3

Uma ciência da escritura?

Resta-nos tentar entender o que pensa Derrida quando propõe a meditação sobre uma *gramatologia*, isto é, o que ele está procurando discutir com a abertura da possibilidade de uma ciência daquilo mesmo que abala a própria noção de ciência. Se a escritura do *rastro* problematiza a objetividade de todo projeto científico, de que forma devemos encarar o empreendimento gramatológico proposto pelo filósofo franco-magrebino?

Em que condições uma gramatologia é possível? Sua condição fundamental é, certamente, a solicitação do logocentrismo. Mas esta condição de possibilidade transforma-se em condição de impossibilidade. Com efeito, ela corre o risco de abalar também o conceito da ciência. A grafemática ou a gramatografia deveriam deixar de apresentar-se como ciências; a sua mira deveria ser exorbitante com respeito a um saber gramato-lógico.⁹⁸

Sem dúvida, neste ponto do percurso, já podemos vislumbrar de que modo o projeto derridiano de uma gramatologia constitui-se como um projeto abandonado desde seu início, pois colocando em cena a “lógica” do *rastro*, este projeto vem muito mais expor os brancos, as falhas, as contradições e as ambiguidades em que todo pensamento está baseado do que provar, seguindo uma 'lógica logocêntrica', respostas obtidas de questões sobre a origem ou a essência da escritura. O próprio nome *gramatologia*, pensado por uma ótica derridiana, traz em si uma aporia que desloca a pretensão de toda ciência positiva: se de pronto, presos ao costume do pensamento logocêntrico, entendemos esse termo como uma ciência da escritura, se nos demoramos mais sobre ele, percebemos como já anuncia a reflexão sobre a relação entre fala e escritura que Derrida problematiza no pensamento ocidental. *Gramatologia* nos diz sobre uma 'fala da escritura', isto é, enquanto o *grama* representa a escritura, o *rastro*, aquilo justamente que não se deixa apropriar, o *logos* da *logia* aponta para uma suposta fala plena, para o desejo de apropriação, para um movimento de reunião e fechamento do pensamento. E é sobre essa aporia, ou melhor, sobre uma lógica aporética de forma geral, que o

⁹⁸ DERRIDA, j. *Gramatologia*. p. 91.

pensamento da escritura derridiana parece querer se inscrever. É neste sentido que uma gramatologia pode ser entendida como o próprio pensamento da desconstrução que assume, por um lado, o desejo por uma fala plena e, que ao mesmo tempo, reconhece esta impossibilidade e a irrefreável disseminação do sentido, expondo, assim, uma estrutura de impossibilidade como condição de possibilidade de todo pensamento. A desconstrução, portanto, refletindo o movimento aporético gramato-lógico, opera por um duplo jogo de leitura e rasura dos conceitos tradicionais.

É importante aqui fazer uma observação quanto à tradução brasileira do título deste ensaio. O título do ensaio em francês é "De la grammatologie" que traduzido literalmente para o português seria "da gramatologia", este "da" que antecederia gramatologia nos indica que o ensaio seja sobre gramatologia e não diretamente uma ciência da escritura. Acreditamos que o que se inscreve nesta dissertação não se afasta dessa perspectiva, mas é importante marcar esta observação sobre a escolha da tradução brasileira, até mesmo porque, sobre o título em francês, o próprio Derrida, numa das entrevistas em *Posições*, sugere que seria preciso ouvir nele um ponto de interrogação silencioso:

A Gramatologia é o título de uma questão: sobre a necessidade de uma ciência da escrita, sobre suas condições de possibilidade, sobre o trabalho crítico que deveria abrir seu campo e levantar os obstáculos epistemológicos; mas uma questão também sobre os limites dessa ciência.⁹⁹

Tivemos a chance de ver, nos capítulos anteriores, de que forma se desdobra a desconstrução do conceito tradicional de signo e de linguagem que liberam uma visão ampliada e radical de escritura que torna-se, mesmo, a própria condição da fala, da episteme e, por isso, também da ciência. Como não deve ser difícil entender neste ponto da dissertação, o projeto gramatológico derridiano caminha numa direção diferente de todas as ciências da escritura que foram empreendidas pelo ocidente. Justamente porque não parte de uma superioridade da fala em relação a escritura, este projeto (im)possível é assumido como a própria (im)possibilidade do pensamento.

Mas sem levar em conta a visão derridiana de escritura, considerando seu conceito tradicional em que é tida como mera subespécie da fala, e de acordo,

⁹⁹DERRIDA, J. *Posições*. p. 19

também, com as normas tradicionais da cientificidade, todas as tentativas de se empreender uma ciência da escritura pelo ocidente sempre se guiaram pelo que Derrida chama de questões de origem: onde e quando começa a escritura? "Onde" e "quando" abrem questões empíricas:

quais são os lugares e os momentos determinados dos primeiros fenômenos de escritura, na história e no mundo? A estas questões devem responder o levantamento e a pesquisa dos fatos: história no sentido corrente, a que foi praticada até hoje por quase todos os arqueólogos, epigrafistas e pré-historiadores que interrogaram as escrituras no mundo.¹⁰⁰

Derrida diz ainda que essas questões de origem acabam sempre desembocando na questão da essência:

Deve-se saber o que é a escritura, para poder-se perguntar, sabendo-se de que se fala e de que é questão, onde e quando começa a escritura. Que é a escritura? Pelo que ela se reconhece? Qual certeza de essência deve guiar o levantamento empírico? Guiá-lo de direito, pois é uma Necessidade de fato que o levantamento empírico fecunde, por precipitação, a reflexão sobre a essência.¹⁰¹

Desse modo, todo pensamento que se pergunta "onde" e "quando" acaba se tornando um discurso sobre a essência e não pode se desvincular dela. É por isso que Derrida identifica que o interesse científico pela escritura, partindo de questões de origem, sempre tomou a forma de uma história da escritura, mas que essa história nunca pôde se desvincular das questões de essência exigidas por uma cientificidade. O próprio conceito de história contém, então, o embricamento entre questões de origem e de essência. Por isso, o conceito científico de história sempre exigiu uma teoria para "orientar a pura descrição dos fatos"¹⁰², para fundamentar-se. E, assim, podemos perceber porque o filósofo franco-magrebino, diz que os discursos guiados por essas questões conduzem sempre a uma metafísica da presença, à clausura logocêntrica.

Mas os conceitos teóricos que comandaram durante muito tempo as histórias gerais da escritura se mostraram muito aquém das imensas descobertas nesta área: "descobertas que precisamente deveriam ter estremecido os fundamentos mais seguros de nossa conceitualidade filosófica, inteiramente

¹⁰⁰DERRIDA, J. *Gramatologia*.p. 92.

¹⁰¹DERRIDA, J. *Gramatologia*. p.92.

¹⁰²DERRIDA, J. *Gramatologia*. p 92.

ordenada com respeito a uma situação determinada das relações entre logos e escritura."¹⁰³ Isto é, aquilo mesmo que a ciência procurava dar forma, acaba por exceder essa forma colocando-a em questão. O mesmo acontece com a visão instrumentalista e tecnicista da escritura, evidencia-se na história do pensamento ocidental uma restrição, um esforço logocêntrico que se inspira no modelo da escritura fonética sustentando uma ilusão teleológica. Mostrando como esta teleologia já era denunciada por alguns historiadores, Derrida cita P. Berger, autor, na França, da primeira História da escritura na antiguidade (1892): "Na maior parte dos casos, os fatos não se conformam a distinções que ... são justas apenas em teoria (p.XX)"¹⁰⁴. Segundo Derrida, os reflexos de uma visão restrita, instrumentalista, teleológica da escritura podem ser reconhecidos por toda parte no pensamento ocidental:

teleologia logocêntrica (expressão pleonática); oposição entre natureza e instituição; jogo das diferenças entre símbolo, signo, imagem etc.; um conceito ingênuo da representação; uma oposição não criticada entre sensível e inteligível, entre a alma e o corpo; um conceito objetivista do corpo próprio e da diversidade das funções sensíveis (os "cinco sentidos" considerados como outros tantos aparelhos à disposição do falante ou do escrevedor; a oposição entre a análise e a síntese, o abstrato e o concreto) (...); um conceito do conceito sobre o qual a mais clássica reflexão filosófica deixou poucas marcas; uma referência à consciência e à inconsciência que reclamaria com toda Necessidade um uso mais vigilante destas noções e alguma consideração pelas investigações que as tomam como tema; uma noção de signo que a filosofia, a linguística e a semiologia esclarecem rara e fracamente.¹⁰⁵

Essa crítica ao logocentrismo que comanda o conceito de ciência, de história e do pensamento ocidental de forma geral aparece como uma vigília derridiana à clausura do pensamento. Mas já vimos que se a desconstrução coloca-se como uma vigília atenta ao logocentrismo e suas pretensas certezas, ela não se baseia na possibilidade de extinção da metafísica. O projeto gramatológico deve, então, empreender um estudo em que "a descoberta 'positiva' e a 'desconstrução' da história da metafísica, em todos os seus conceitos, se controlem reciprocamente, minuciosamente, laboriosamente. Sem isto, toda liberação epistemológica corre o risco de ser ilusória ou limitada."¹⁰⁶

¹⁰³DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 101.

¹⁰⁴P. BERGER *apud* DERRIDA. *Gramatologia*. p. 102.

¹⁰⁵DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 102.

¹⁰⁶DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 103.

*

Numa palestra que gerou o texto "Assinatura Acontecimento Contexto" proferida por Derrida no *Congrès International des Sociétés de philosophie de langue française* que girava em torno do tema da comunicação e que aconteceu em Montreal no ano de 1971, o filósofo franco-magrebino postula o que chama de "estrutura grafemática geral de qualquer comunicação", inscrevendo também a comunicação sob a "ordem" da arquescritura, isto é, espaçada, falível, grafemática. A discussão desse texto que desconstrói uma visão ideológica da comunicação pode nos ajudar a entender de que forma Derrida apresenta a estrutura (im)possível em que toda ciência está baseada. A irreduzível disseminação do sentido contida no alargamento do conceito de escritura abala a pretensão de objetividade tanto da ciência como da comunicação.

Neste evento, Derrida escolhe tomar como exemplo para análise um estudo sobre a escritura empreendido por Condillac e, justifica tal escolha pelo fato de que não se pode achar em toda a história da filosofia nenhuma análise que contradiga o que propõe Condillac no *Essai sur l'origine des connaissances humaines*. Neste exemplo, assim como na acepção corrente de forma geral, a escrita é vista como um potente meio de comunicação que alarga seu campo para além da comunicação oral e gestual pressupondo uma espécie de espaço homogêneo onde

o domínio da voz ou do gesto reencontrariam aí, certamente, um limite factual, uma fronteira empírica na forma do espaço e do tempo; e a escrita viria, no mesmo tempo, no mesmo espaço, desfazer os limites, abrir o mesmo campo a um domínio muito mais vasto. O sentido, o conteúdo da mensagem semântica seria transmitido, comunicado através de meios diferentes, (...) num meio por natureza contínuo e igual a si próprio, num elemento homogêneo através do qual a unidade, a integridade do sentido não seria essencialmente afetada. Qualquer afetação aqui seria acidental.¹⁰⁷

Esta interpretação, segundo Derrida, seria a interpretação propriamente filosófica da escrita que se baseia em três princípios básicos do porque os homens escrevem: 1) a primeira justificativa é porque eles têm de comunicar; 2) a segunda é porque o que eles têm para comunicar é o seu pensamento, as suas ideias, as

¹⁰⁷DERRIDA, J. *Assinatura acontecimento contexto*, p 405.

suas representações, isto é, o pensamento é anterior e comanda a ideia, o conteúdo significado que seria apenas transportado pela comunicação; 3) e a terceira justificativa diz respeito ao valor de ausência da escrita: os homens tiveram que inventar novas maneiras de comunicar seus pensamentos para pessoas que estivessem ausentes. Esse valor de ausência, como veremos em seguida, se interrogado de novas maneiras, pode introduzir uma certa ruptura na homogeneidade do sistema. Por enquanto é importante perceber como a tradição do pensamento ocidental manteve-se presa a um contexto limitado da escritura:

Desde o momento em que os homens já estão em estado de 'comunicar os seus pensamentos', e fazê-lo através dos sons (...), o nascimento e o progresso da escrita seguirão uma linha direta, simples e contínua. A história da escrita conformar-se-á a uma lei da economia mecânica: ganhar o máximo de espaço e de tempo pela abreviação mais cômoda; não terá nunca o menor efeito sobre a estrutura e o conteúdo de sentido (das ideias) que deverá veicular.¹⁰⁸

Percebemos nessa passagem o valor secundário e representativo da escrita não só em relação ao pensamento que se produziria independente dela, mas também derivado com relação ao som que seria o primeiro e mais importante modo de comunicação.

Depois de ter analisado o que chama de "motivo da redução econômica, homogênea e mecânica" da escrita no estudo de Condillac, Derrida passa a investigar de que forma o valor da ausência da escrita é tratado por ele. Em primeiro lugar, esta ausência diz respeito apenas ao destinatário. Condillac não leva em conta a ausência do emissor "em relação à marca que abandona, que se separa dele e continua a produzir efeitos para além de sua presença e da atualidade presente de seu querer-dizer."¹⁰⁹ Em segundo lugar, a ausência de que fala Condillac, de acordo com Derrida, seria apenas uma modificação da presença, onde esta seria suprida pela representação: "esta operação de suplementação não é exibida como ruptura de presença mas como reparação e modificação contínua, homogênea, da presença na representação"¹¹⁰. Esta suplementação da presença daria nascimento à própria ideia metafísica de signo, que teria nascido junto com a imaginação e a memória, "no momento em que é requerido pela ausência do

¹⁰⁸DERRIDA, J. *Assinatura acontecimento contexto*, p 406.

¹⁰⁹DERRIDA, J. *Assinatura acontecimento contexto*, p. 407.

¹¹⁰DERRIDA, J. *Assinatura acontecimento contexto*, p. 408.

objeto na percepção presente."¹¹¹ Este conceito de signo como "representação da ideia que representa ela própria a coisa percebida"¹¹² não se inicia nem acaba com Condillac, este último apenas se inscreve na tradição do pensamento ocidental de uma análise ideológica da significação escrita. Nas palavras de Derrida:

A comunicação a partir daí veicula uma representação como conteúdo ideal (o que se chamará o sentido); e a escrita é uma espécie desta comunicação geral. Uma espécie: uma comunicação comportando uma especificidade relativa no interior de um gênero.¹¹³

E, por esta análise, a especificidade relativa da escritura é designada pelo seu valor de ausência.

Questionando esta análise ideológica da escrita, Derrida sugere duas hipóteses: 1) se todo signo supõe uma ausência, e se se pretende reconhecer uma especificidade para o signo escrito, torna-se necessário que a ausência da escritura possua uma especificidade; 2) se a especificidade que caracteriza a ausência do signo escrito fosse a mesma para toda espécie de signo e de comunicação seria preciso pensar um deslocamento geral no conceito da escrita: ela não poderia mais ser vista como uma espécie, um tipo determinado de comunicação, e todos os conceitos que justificaram sua subordinação apareceriam como "não críticos, mal formados ou destinados, antes, a assegurar a autoridade e a força de um certo discurso histórico."¹¹⁴

Na primeira hipótese, já é reconhecida uma ausência em todo signo que o discurso clássico parece esquecer sem ter lidado com ela em toda sua história. Na segunda hipótese evidencia-se uma falta de fundamentos que justifique a secundariedade e a derivação da escrita em relação aos outros signos linguísticos. O valor de ausência do destinatário reconhecido à escritura por Condillac e pelo discurso clássico de uma forma geral é axacerbado por Derrida que mostra como esta ausência não é apenas uma modificação da presença, como uma presença longínqua, retardada, mas realmente, uma ruptura com a presença. Pois para que haja signo escrito é necessário que ele permaneça legível mesmo na ausência total de um destinatário determinável, em outras palavras, é necessário que ele seja

¹¹¹DERRIDA, J. *Assinatura acontecimento contexto*, p. 408.

¹¹²DERRIDA, J. *Assinatura acontecimento contexto*, p. 409.

¹¹³DERRIDA, J. *Assinatura acontecimento contexto*, p. 409.

¹¹⁴DERRIDA, J. *Assinatura acontecimento contexto*, p. 410.

iterável, repetível, identificável, no desaparecimento absoluto do destinatário: "Esta iterabilidade - (iter, de novo, viria de itara, outro em sanscrito, e tudo o que se segue pode ser lido como exploração desta lógica que liga a repetição à alteridade) estrutura a própria marca de escrita, qualquer que seja aliás o tipo de escrita."¹¹⁵ E, para além da ausência do destinatário, toda marca, entendida como uma escrita, deve poder funcionar também na ausência do emissor, para além da morte tanto de um como de outro:

o que vale para o destinatário vale também, pelas mesmas razões para o emissor ou para o produtor. Escrever, é produzir uma marca que constituirá uma espécie de máquina por sua vez produtiva, que a minha desaparecimento futura não impedirá de funcionar e de dar, de se dar a ler e a reescrever.¹¹⁶

E Derrida prossegue explicando que quando fala da "desaparecimento futura" do emissor está falando, na verdade, da sua não-presença em geral, da não-presença do seu querer-dizer, da sua intenção-de-significação, do seu querer-comunicar-isto, na emissão ou na produção da marca:

Para que um escrito seja um escrito, é necessário que continue a 'agir' e a ser legível mesmo que se o que se chama o autor do escrito não responde já pelo que escreveu, pelo que parece ter assinado, quer esteja provisoriamente ausente, quer esteja morto ou que em geral não tenha mantido a sua intenção ou atenção absolutamente atual e presente, a plenitude do seu querer-dizer, mesmo daquilo que parece ser escrito 'em seu nome'.¹¹⁷

Podemos perceber como a extensão do caráter de ausência do destinatário da escritura para também seu emissor já abala uma visão ideológica da comunicação, inscrevendo-a, a partir da deriva da escritura, num terreno mais frágil, mais perigoso que questiona sua pretensão de plenitude. Seguindo o movimento hiperbólico de extensão dos limites de seu conceito clássico, Derrida vê na linguagem em geral esses traços da escritura: "Eles valeriam não só para toda a ordem de 'signos' e para todas as linguagens em geral mas também, para além da comunicação semio-linguística, para todo o campo do que a filosofia chamaria a experiência, mesmo a experiência do ser: a dita 'presença'."¹¹⁸

¹¹⁵DERRIDA, J. *Assinatura acontecimento contexto*. p.410-411.

¹¹⁶DERRIDA, J. *Assinatura acontecimento contexto*. p.411-412.

¹¹⁷DERRIDA, J. *Assinatura acontecimento contexto*. p.412.

¹¹⁸DERRIDA, J. *Assinatura acontecimento contexto*. p. 413.

Os traços essenciais que caracterizam a escrita no discurso clássico e que Derrida reconhece à linguagem em geral são os seguintes: em primeiro lugar, a escrita é uma marca que permanece, que não se esgota no presente de sua inscrição. Em seguida, o filósofo marca que a escrita comporta uma força de ruptura com seu contexto sendo que é preciso admitir que essa ruptura não é acidental, mas a própria estrutura da escrita. A partir dela, é impossível que um contexto feche-se sobre si. E, enfim, Derrida diz que esta ruptura diz respeito ao intervalo que constitui o signo escrito: "este intervalo não é a simples negatividade de uma lacuna mas o surgir da marca".¹¹⁹

Se assumimos, junto com Derrida, a extensão dessas características à linguagem em geral, chegamos ao "novo conceito" de escritura que o filósofo revela a partir de Gramatologia e às devidas consequências que ela traz à tona como o reconhecimento da estrutura gramatológica de toda comunicação. Se a escrita no sentido corrente é aquilo que amplia o campo de uma comunicação, a arqui-escritura, o deslocamento derridiano da visão da escrita, é aquilo mesmo que impossibilita toda comunicação. Ora, podemos ver em que sentido a ruptura da visão ideológica da comunicação escrita (e assim de toda comunicação) também diz respeito à impossibilidade de uma ciência da escritura.

*

De que forma, então, podemos pensar a *gramatologia* como uma ciência? Rafael Haddock-Lobo nos explica que as fendas e as brechas assumidas pela escritura derridiana são fundamentais para que o projeto gramatológico, à medida que vai se desenvolvendo, já apresente sua impossibilidade como projeto. Nas palavras de Haddock-Lobo:

para uma gramatologia ser possível, é necessário que se permaneça ainda no logocentrismo (...). Mas então? Então aparecem incontáveis entãos que vêm atestar que a questão derridiana que perpassa todo o projeto gramatológico é a questão sobre a questão.¹²⁰

¹¹⁹DERRIDA, J. *Assinatura acontecimento contexto*. p. 414.

¹²⁰HADDOCK-LOBO, R. *Derrida e o labirinto de inscrições*. p.124.

Certamente esta ciência só pode ser imaginada a partir do questionamento da cientificidade da ciência, a partir das aporias que a escritura vem evidenciar como constituintes de todo pensamento, a partir da rasura dos conceitos tradicionais, pois, como já vimos, o pensamento do rastro abala as questões da origem e da essência. O rastro não pode "ser submetido à questão ontofenomenológica da essência. O rastro não é nada, não é um ente, excede a questão o que é e eventualmente a possibilita."¹²¹

Na gramatologia derridiana seria descabida a pergunta pelo início da escritura, já que quando pensamos em seu conceito alargado, que tem o rastro como raiz, evidencia-se a impossibilidade de se começar pelo começo. A ideia de linearidade dos conceitos tradicionais de escritura, de tempo, de história, de ciência, é desconstruída pelo espaçamento da escritura derridiana. Na verdade, Derrida lembra como a escritura no sentido estrito e, principalmente a escritura fonética, estão enraizadas num passado de escritura não-linear que foi preciso vencer para garantir "uma maior segurança e maiores possibilidades de capitalização num mundo perigoso e angustiante. Mas isso não se fez de uma vez. Instalou-se uma guerra e um recalque de tudo o que resistia à linearização."¹²² Contudo, Derrida indica que há mais de um século, podemos perceber uma inquietude da filosofia, da ciência, da literatura com o que deve ser o abalo de um modelo linear:

O fim da escritura linear é efetivamente o fim do livro, mesmo que, ainda hoje, seja na forma do livro que se deixam - bem ou mal - embainhar novas escrituras, quer sejam literárias ou teróricas. Aliás, trata-se menos de confiar ao envólucro do livro escrituras inéditas do que de ler, enfim, o que, nos volumes, já se escrevia entre as linhas. É por isso que, começando-se a escrever sem linha, relê-se também a escritura passada segundo uma outra organização do espaço. Se o problema da leitura ocupa hoje a dianteira da ciência, é em virtude deste suspenso entre duas épocas da escritura. Porque começamos a escrever, a escrever de outra maneira, devemos reler de outra maneira.¹²³

Segundo Derrida, se a inadequação do modelo linear da escritura pode ser denunciado hoje melhor do que nunca, isso não quer dizer que esta inadequação seja moderna, ela sempre existiu, mas atualmente a própria ciência e história parecem não conseguir conterem-se em seus limites, deixando aparecer a

¹²¹DERRIDA, J. *Gramatologia*. p.92

¹²²DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 106

¹²³DERRIDA, J. *Gramatologia*. p 108

fragilidade e a falta de fundamentos que restringem a escritura a uma clausura logocêntrica. Isto que se faz ver melhor hoje do que em qualquer outra época é a própria impossibilidade do fonetismo se estabelecer de fato. Podemos enxergar, então, o fonetismo como a constituição, a exigência, a redução logocêntrica não apenas do conceito de escritura como também do pensamento ocidental de forma geral. A linearidade da objetividade científica pode ser entendida como um trabalho fonocêntrico que opera em toda escritura, assim,

a reflexão sobre a essência do matemático, do político, do econômico, do religioso, do técnico, do jurídico etc., comunica da maneira mais interior com a reflexão e a informação sobre a história da escritura. Ora, continua o veio que circula através de todos estes campos de reflexão e constitui a sua unidade fundamental, é o problema da fonetização da escritura. Esta fonetização tem uma história, nenhuma escritura está absolutamente isenta dela, e o enigma desta evolução não se deixa dominar pelo conceito de história. Este aparece, sabe-se, num momento determinado da fonetização da escritura e a pressupõe de maneira essencial.¹²⁴

Desta forma, vemos como um estudo da escritura não pode, pura e simplesmente, se fazer sem colocar a questão de sua fonetização, isto é, de sua redução fono-logocêntrica. A questão da fonetização da escritura é também a questão sobre a possibilidade de objetividade, de idealidade, enfim, da cientificidade de toda ciência. Mas, ao mesmo tempo, é preciso reconhecer que essa fonetização nunca aconteceu de forma plena, por mais que se tenha tentado encobrir as brechas, recalcar as fendas da escritura, o não-fonético nunca foi totalmente reduzido em nenhuma destas manifestações, por isso mesmo é que é possível enxergar uma escritura não-fonética, não-linear, da qual a outra seria apenas uma de suas manifestações. Na verdade, "a distinção entre a escritura fonética e a escritura não-fonética, por indispensável e legítima que seja, permanece muito derivada em relação ao que se poderia denominar uma sinergia e uma sinestesia fundamentais."¹²⁵

Derrida chama atenção aqui para o estado de contaminação de todo pensamento. A impossibilidade de haver uma escritura puramente fonética é a impossibilidade da pureza de qualquer conceito. Assim, o estudo derridiano da escritura, como a desconstrução da metafísica, como o abalo da fonetização, como a solicitação do logocentrismo, aparece como a estrutura (im)possível de todo

¹²⁴DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 111.

¹²⁵DERRIDA, J. *Gramatologia*. p.112.

pensamento:

Desde que a fonetização se deixa interrogar na sua origem, na sua história e nas suas aventuras, vê-se seu movimento confundir-se com os da ciência, da religião, da política, da economia, da técnica, do direito, da arte. As origens destes movimentos e destas regiões históricas não se dissociam, como devem fazê-lo para a delimitação rigorosa de cada ciência, senão por uma abstração de que devemos permanecer conscientes e que devemos praticar com vigilância. Pode-se denominar aqui-escritura esta cumplicidade das origens. O que se perde nela é, portanto, o mito da simplicidade da origem. Este mito está ligado ao próprio conceito de origem: à fala recitando a origem, ao mito da origem e não apenas aos mitos de origem.¹²⁶

Podemos perceber, então, como *Gramatologia*, apresentando este novo conceito de escritura, aparece, na verdade, mais do que como uma ciência da escritura, como o anúncio do próprio pensamento da desconstrução de uma maneira geral que coloca em cena a necessidade de uma vigília permanente em relação às clausuras do pensamento. Como já afirmamos algumas vezes, a assunção do caráter impossível do pensamento não deve ser entendida como um desencorajamento para o pensar, muito pelo contrário, é preciso entendê-lo como sua condição de possibilidade. O que não devemos fazer é, justamente, nos contentarmos com aparentes certezas, devemos continuar levando o pensamento para suas bordas, empurrando-o contra seus limites, fazendo-o transbordar seus contextos. É por isso que Derrida diz que "a constituição de uma ciência ou uma filosofia da escritura é uma tarefa necessária e difícil"¹²⁷ que precisaria abraçar tanto o movimento do desejo por uma plenitude, que faz com que se produzam pensamentos, com que as escrituras se inscrevam, mas também reconhece a fragilidade, a falta de fundamentos, a incompletude de todo pensamento que clama, exige sempre mais pensamento. Tal ciência precisaria reconhecer, numa postura lúcida, uma certa incompetência de toda ciência, precisaria reconhecer e assumir o trabalho do *rastro* em todo texto, o *espaçamento* de toda escritura:

Esta raiz comum, que não é uma raiz, mas a esquivança da origem e que não é comum porque apenas volta ao mesmo com a insistência tão pouco monótono da diferença, este movimento inomeável da diferença-mesma, que alcunhamos estrategicamente de *rastro*, reserva ou diferença, apenas se poderia denominar escritura na clausura histórica, isto é, nos limites da ciência e da filosofia (...). *Gramatologia*, este pensamento se conservaria ainda encerrado na presença.¹²⁸

¹²⁶DERRIDA, J. *Gramatologia*. p.116-117

¹²⁷DERRIDA, J. *Gramatologia*. p.118

¹²⁸DERRIDA, J. *Gramatologia*. p.118

Para se empreender um projeto gramatológico em sua positividade seria necessário ver a escritura como objeto, confirmar a sua redução fonética (o que parece, justamente, estar longe da intenção de Derrida). De acordo com sua famosa frase 'desculpe por não querer dizer' percebemos como a preocupação do projeto gramatológico, que se sabe frustrado desde seu início, é a de problematizar noções caras ao pensamento ocidental que protegem sua clausura metafísica. O reconhecimento da redução da *arquiescritura*, de sua fonetização, como raiz de toda ciência, como o mito da possibilidade de um pensamento da origem e da essência, vem trazer a necessidade de um pensamento que possa fazer justiça à noção alargada de escritura que abraze espaço para novas formas de pensar. E para finalizar com uma citação de Derrida na abertura de *Gramatologia*:

Talvez a meditação paciente e a investigação rigorosa em volta do que ainda se denomina provisoriamente escritura, em vez de permanecerem aquém de uma ciência da escritura ou de a repelirem por alguma razão obscurantista, deixando-a - ao contrário - desenvolver sua positividade ao máximo de suas possibilidades, sejam a errância de um pensamento fiel e atento ao mundo irredutivelmente porvir que se anuncia no presente, para além da clausura do saber. O futuro só se pode antecipar na forma do perigo absoluto. Ele é o que rompe absolutamente com a normalidade constituída e por isso somente se pode anunciar, apresentar-se, na espécie da monstruosidade. Para este mundo por vir e para o que nele terá feito tremer os valores de signo, de fala e de escritura, para aquilo que conduz aqui o nosso futuro anterior, ainda não existe epígrafe.¹²⁹

¹²⁹DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 6.